

Petróleo

*Por Júlia Febraro**

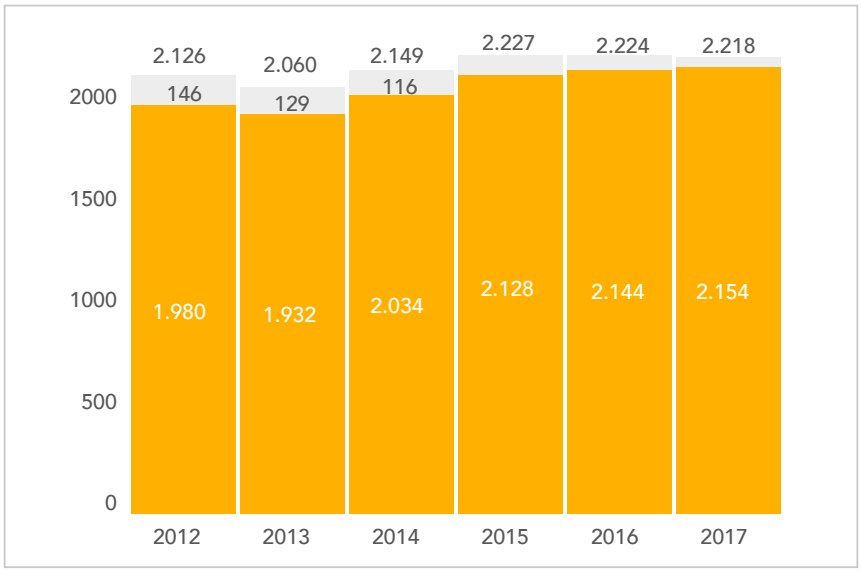
A) PETRÓLEO

a) Produção, Consumo e Saldo Comercial da Balança Petróleo

O mês de novembro de 2017 apresentou produção diária de 2,6 milhões de barris por dia (MMbbl/d), 4% abaixo dos 2,62 MMbbl/d de outubro. Na comparação anual também houve queda em novembro (2017), ficando 0,53% abaixo da produção de 2016 para esse mês (Tabela 2.1). Segundo dados da ANP, em novembro, 95,3% de todo o óleo extraído nos campos nacionais e 79,4% do gás natural foram produzidos em campos marítimos. O esforço exploratório brasileiro está concentrado em 8.014 poços, sendo 732 marítimos e 7.282 terrestres, e os campos operados pela Petrobras produziram 93,7% do total de óleo e gás natural.

Em 2017 a Petrobras bateu novos recordes de produção média de petróleo, chegando a 2,1 MMbbl/d, 0,4% acima do resultado para 2016. Este foi o quarto ano consecutivo de crescimento na produção de petróleo nacional pela Petrobras (ver Figura 2.1). Segundo a estatal, o resultado se deve principalmente ao crescimento da produção do campo de Lula, além do início da operação da plataforma P-66 e do campo de Lapa. Outro fator relevante foi o início da produção do FPSO Pioneiro de Libra, no pré-sal da Bacia de Santos, com o primeiro óleo em 26 de novembro. O Bloco de Libra se estende por mais 1.500 km^2 na Bacia de Santos, situado a 164 km da costa do Estado do Rio de Janeiro, ao sul da cidade de Saquarema. O FPSO Pioneiro de Libra será capaz de atuar em lâmina d'água de até 2.400 metros de profundidade e poderá produzir 50 mil barris de óleo por dia, com capacidade de compressão e reinjeção de quatro milhões de metros cúbicos de gás/ dia (Odebrecht, 2017)

Figura 2.1: Quarto ano de crescimento na produção de petróleo pela Petrobras



Fonte: E&P Brasil, 2018

Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril).

Agregado	nov-17	nov-17/out-17	nov-17/nov-16	Tendências	out-17	nov-16
Produção	77.839.300	-4,43%	-0,53%		81.450.246	78.255.905
Consumo Interno	51.571.409	-2,80%	3,26%		53.055.063	49.945.498
Importação	5.434.161	-5,81%	5,77%		5.769.642	5.137.689
Exportação	17.688.778	-33,50%	-34,94%		26.598.539	27.188.988

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Com relação ao pré-sal, sua produção em novembro foi oriunda de 83 poços e chegou a 1,3 MMbbl/d de óleo e 52 MMm³/d de gás natural, totalizando 1,6 MMboe/d (milhões de barris de óleo equivalente). Esta produção correspondeu a 49,9% do total produzido no país. O campo de Estreito, na Bacia Potiguar, segue com o maior número de poços produtores: 1.102.

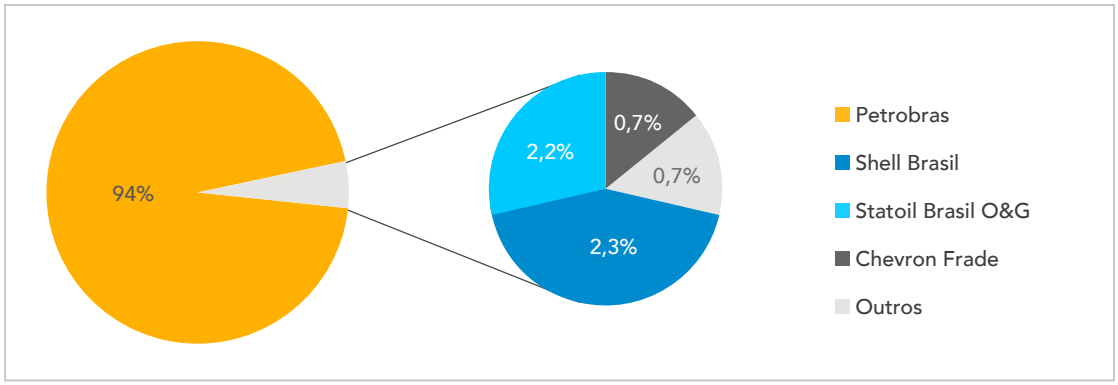
Percebe-se, portanto, que o pré-sal já responde por praticamente metade do total de petróleo e gás natural produzidos no Brasil. Além disso, 11 anos após sua descoberta, a área tem contribuído para impulsionar a participação das petroleiras estrangeiras no setor, que já representam 33% do total da produção no pré-sal. A tendência é de queda ainda maior da participação da Petrobras, levando-se em conta a entrada em operação do bloco de Libra e a retomada do calendário de leilões (Guia Oil & Gas, 2017)[6].

Em portaria publicada no dia 04 de janeiro (2018) no Diário Oficial da União e assinada pelo ministro Fernando Coelho Filho, a Pré-Sal Petróleo SA (PPSA) deverá priorizar a realização de leilões para a venda do petróleo da União nos projetos de partilha da produção do pré-sal (E&P Brasil, 2018). Segundo a portaria, a venda do petróleo da União no pré-sal só poderá ser feita por preço inferior ao de referência fixado pela ANP se não houver interessados na compra nessa condição.

6 http://guiaoilegas.com.br/pt/site_extras_detalhes.asp?id_tb_extras=974028

Entretanto, com relação às empresas presentes em todo o setor no Brasil, a participação da Petrobras ainda é majoritária e se manteve a mesma do mês de outubro, com 94% da produção. A participação da Statoil caiu ligeiramente pelo segundo mês consecutivo, chegando a 2,2%, enquanto que a da Shell subiu de 2,1% para 2,3% do total da produção. A Figura 2.2 mostra as concessionárias que participam da produção no Brasil no mês de novembro.

Figura 2.2: Distribuição da produção de Petróleo por Operador



Fonte: ANP, 2017

Em dezembro de 2017, a Petrobras anunciou o novo plano de negócios e gestão (PGN), onde previu-se o início da produção em 19 novos sistemas petrolíferos até 2022, sendo oito deles já em 2018. Assim, a estatal espera aumentar o volume de óleo e gás de 2,7 MM barris/dia previstos em 2018 para 3,5 MM barris/dia em 2022, o que corresponde a um crescimento de 29,6% (Petronoticias, 2017)[7]. Ainda de acordo com a reportagem, a Petrobras totalizará US$ 60,3 milhões de investimentos na área de exploração e produção de 2018 a 2022, sendo 58% destes voltados somente ao pré-sal.

Os campos em destaque para os investimentos são Lula e Búzios, ambos localizados no pré-sal da bacia de Santos. Juntos, os campos deverão receber quase US$ 16 bilhões em investimentos no período de 2018 a 2022 (Petronoticias, 2017)[8]. A Bacia de Campos também está no radar da Petrobras, que pretende investir US$ 18,9 bilhões até 2022 na região, que ainda responde por 50% da produção da estatal, além da adição de quatro novas plataformas à região (Tartaruga Verde e Mestiça em 2018; Revitalização de Marlim 1 e 2 em 2021, e o Integrado Parque das Baleias em 2021) (Petronotícias, 2017).

Sobre a balança comercial do setor petrolífero, as importações caíram ligeiramente (-5,8%) em novembro, chegando a 5,4Mbbl (mês), valor 6% superior ao mesmo mês do ano anterior. Com relação às exportações, foi registrada uma queda mais expressiva (-33%) no mês de novembro, assim

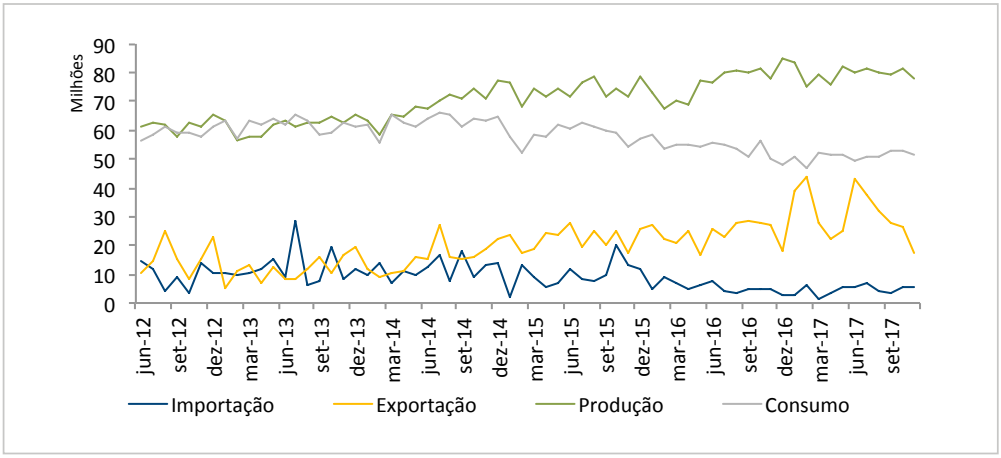
7 https://petronoticias.com.br/archives/106704?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Petronotcias+%28PetroNot%C3%ADcias%29

8 https://petronoticias.com.br/archives/106711?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Petronotcias+%28PetroNot%C3%ADcias%29

como na comparação anual (-35%), chegando a 17MMbbl, o menor valor dos últimos 12 meses.

Apesar das quedas do mês de novembro, o volume de petróleo exportado em 2017 foi o maior da história, chegando a representar 6,7% de todas as exportações brasileiras. Levando-se em conta os valores já disponibilizados pela ANP, de janeiro a novembro o Brasil exportou 360 milhões de barris equivalentes de petróleo, já superando os 306,6 milhões exportados durante todo o ano de 2016. Ainda segundo a reportagem, os números são reflexo da política da Petrobras de "produzir muito, refinar pouco e exportar grande parte do óleo cru, sem valor agregado".

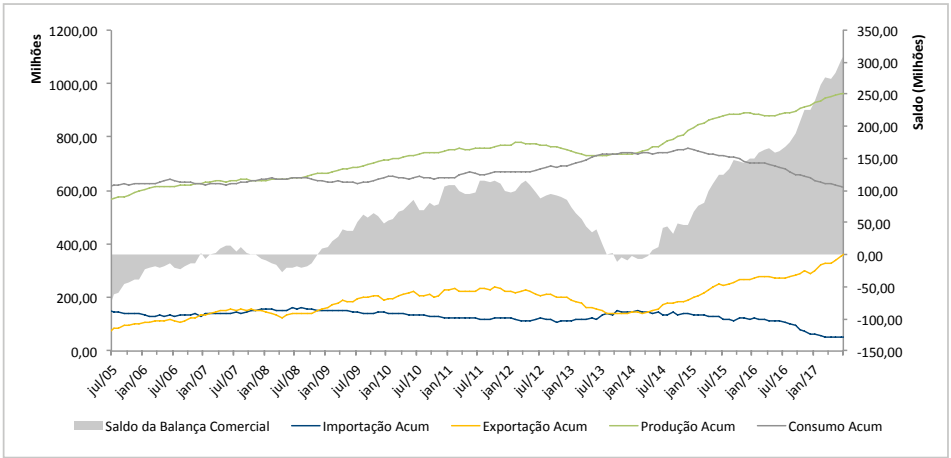
Figura 2.3: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

No acumulado de 12 meses, houve uma redução da diferença entre Produção e Consumo, após 18 meses consecutivos de crescimento. Com relação à conta petróleo, que representa o saldo entre Exportações e Importações, verificou-se queda no acumulado de 12 meses, contribuindo negativamente para o saldo em transações da balança comercial em novembro (Figura 2.4).

Figura 2.4: Contas Agregadas do Setor Petróleo, acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Na visão do secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, do MME, Márcio Felix, 2018 será um ano de consolidação de várias iniciativas de anos anteriores, o que pode resultar em melhorias no ambiente produtivo do país. Segundo ele, o maior desafio atual se concentra no processo de renegociação da Cessão Onerosa e, para tal, espera-se conseguir viabilizar um leilão do excedente da cessão onerosa para breve. Em reportagem da TN Petróleo (2018)[9], foram listados outros temas que o secretário acredita que serão tratados ainda nesse ano que se inicia: a comercialização do óleo e gás da união; a preparação para os leilões da 15ª Rodada de concessões (em 29 de março) e o da 4ª Rodada de partilha (em 7 de junho); o início da oferta permanente de áreas a partir de maio (2018), que será a maior licitação da história do país, com mais de 846 oportunidades; a atração de investimentos em refino; e a consolidação do *onshore* brasileiro.

Com relação a este último ponto, adiantamos que no último dia 18 de janeiro foi criado o Comitê Diretivo do Programa de Revitalização das Atividades de Exploração e Produção de Petróleo e Gás Natural em Áreas Terrestres (Reate)[10]. O objetivo do comitê é propor e monitorar ações, projetos e políticas para o incremento das atividades de E&P em terra no país. Com reuniões a cada seis meses, o comitê espera estar a par da evolução das ações propostas pelo grupo de trabalho do Reate e, sempre que possível, propor novas ações. (E&P Brasil, 2018)[11].

Passando para a análise dos preços internacionais, segundo o *Energy Information Administration*, EIA (Figura 2.5), a média de preços do óleo tipo Brent subiu pelo quinto mês consecutivo, chegando a US$ 62,71/bbl. O WTI também segue tendência altista e atinge US$ 56,64/bbl em novembro. Os eventos geopolíticos que explicam a alta dos preços dos óleos marcadores no mercado internacional são descritos e analisados no Editorial desse Boletim (Os cortes de produção da OPEP e a política de preços de derivados da Petrobras).

Apesar de estarmos analisando dados do mês de novembro de 2017,nesta edição adiantamos que em janeiro (2018), o Brent atingiu a mais alta cotação em quase três anos, chegando a ser cotado a US$ 69,37 o barril. Este valor ficou próximo aos de 2014, antes do colapso dos preços da commodity. A entrada em vigor dos cortes de produção anunciados pela OPEP, a queda nos estoques mundiais e o aumento de tensões geopolíticas acabaram mais do que compensando as preocupações mundiais com relação à alta na produção de xisto nos Estados Unidos (Folha de São Paulo, 2018)[12].

Segundo projeções da agência Moody's, os preços do petróleo deverão estar situados na faixa de 40 a 60 dólares por barril em 2018. É previsto também que a produção crescente de shale dos Estados Unidos siga pressionando os preços, assim como as possibilidades de não cumprimento dos cortes de produção acordados (Guia Oil & Gas, 2018)[13].

9 http://www.tnpetroleo.com.br/noticia/a-prioridade-e-a-cessao-onerosa-por-armando-cavanha/

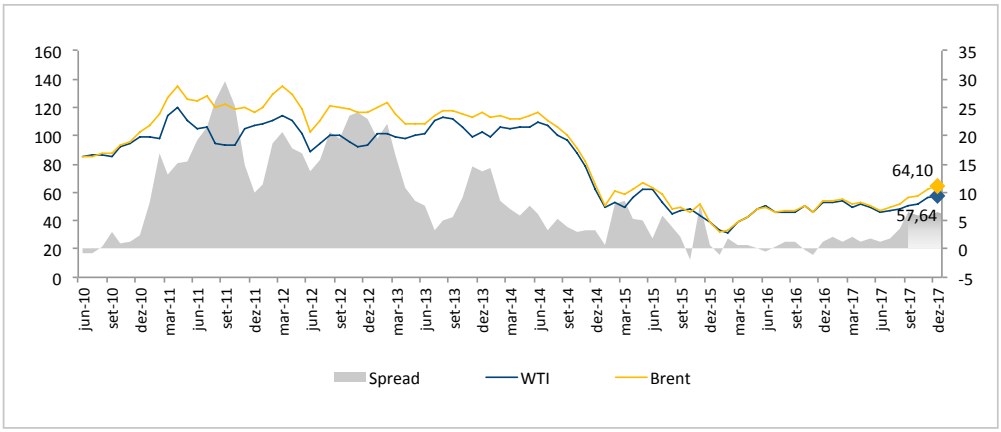
10 Para mais informações, vide Coluna de Opinião FGV Energia "O Programa Reate e a Desmistificação do Fraturamento Hidráulico no Brasil" de 08/01/2018. Disponível no link a seguir: http://fgvenergia.fgv.br/opinioes/o-programa-reate-e-desmistificacao-do-fraturamento-hidraulico-no-brasil

11 http://epbr.com.br/reate-ganha-comite-diretivo/?utm_term=Reate+ganha+Comite+Diretivo.+CEL+da+15a+rodada+e+montada.+Novo+modelo+de+compras+da+Petrobras&utm_campaign=Comece+seu+dia+bem-informado&utm_source=e-goi&utm_medium=email

12 http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1949562-petroleo-encosta-nos-us-70-e-retorna-ao-nivel-de-2015.shtml

13 http://www.guiaoilegasbrasil.com.br/pt/site_extras_detalhes.asp?id_tb_extras=974976

Figura 2.5: Preço Real e Projeção ($/Barril).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA (Deflator - CPI US)

Voltando à produção brasileira, em novembro (2017), com exceção do Maranhão, todos os outros estados apresentaram quedas em suas produções. O destaque negativo foi o estado do Amazonas, cuja produção atingiu o menor valor dos últimos doze meses após a queda de 9% em novembro. As produções *onshore* do Rio Grande do Norte e de Sergipe também atingiram os menores valores dos últimos doze meses, após as quedas de 6% e 5%, respectivamente, no mês analisado.

Tabela 2.4: Produção por Estado (Barril).

UF	Localização	nov-17	nov-17/out-17	nov-17/nov-16	Tendências	out-17	nov-16
AL	Onshore	92.492	-9,11%	-19,37%		101.765	114.709
	Offshore	3.372	21,69%	13,20%		2.771	2.979
AM	Onshore	562.963	-9,08%	-12,02%		619.206	639.852
BA	Onshore	937.391	-5,69%	-9,77%		993.990	1.038.866
	Offshore	17.122	-2,88%	-2,44%		17.629	17.550
CE	Onshore	35.933	-6,82%	-10,55%		38.561	40.172
	Offshore	130.619	3,57%	-12,74%		126.114	149.689
ES	Onshore	333.609	-4,14%	-6,54%		348.030	356.949
	Offshore	10.360.798	-3,04%	-14,27%		10.686.147	12.084.898
MA	Onshore	1.751	3,50%	0,75%		1.692	1.738
RJ	Offshore	54.938.273	-3,95%	2,73%		57.197.159	53.477.110
RN	Onshore	1.145.987	-6,39%	-18,61%		1.224.159	1.408.093
	Offshore	168.669	-7,41%	-2,39%		182.158	172.803
SP	Offshore	8.434.967	-8,40%	7,12%		9.208.818	7.874.253
SE	Onshore	511.738	-5,62%	-25,44%		542.221	686.367
	Offshore	163.616	2,37%	-13,83%		159.826	189.877
Total		77.839.300	-4,43%	-0,53%		81.450.246	78.255.905

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

B) DERIVADOS DO PETRÓLEO

Em novembro, a produção dos principais derivados de petróleo apresentou queda com relação a outubro: com queda de quase 11%, a produção de gasolina foi o destaque negativo do mês, o que a levou ao menor valor dos últimos 12 meses. Diesel e óleo combustível também tiveram quedas significativas em suas produções, de 11% e 10%, respectivamente. Diesel (-3,85%) e QAV (-4%) também registraram queda com relação a outubro. Com relação às exportações, o destaque negativo foi o óleo combustível, pois a queda de quase 43% em novembro levou a produção deste derivado para o menor valor dos últimos 12 meses. No caso da gasolina, a variação foi positiva e de 22%.

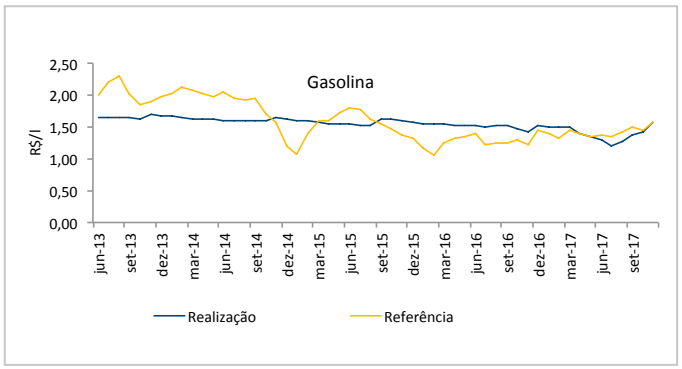
Tabela 2.5: Contas Agregadas de derivados (Barril)

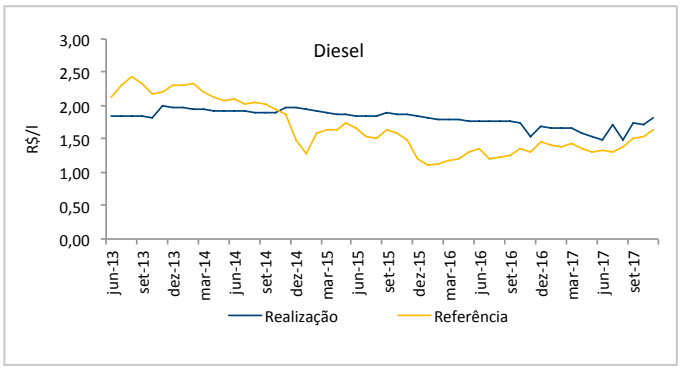
Combustível	Agregado	nov-17	nov-17/out-17	nov-17/nov-16	Tendências	out-17	nov-16
Gasolina	Produção	12.309.803	-10,94%	-10,78%		13.822.297	13.796.386
	Consumo	21.606.574	-2,93%	26,94%		22.258.165	17.020.558
	Importação	1.177.291	-41,44%	17,64%		2.010.498	1.000.756
	Exportação	68.843	22,30%	-		56.292	679.929
Diesel	Produção	21.295.682	-3,85%	-0,93%		22.148.441	21.494.547
	Consumo	29.188.756	-5,60%	13,41%		30.918.872	25.738.222
	Importação	8.022.213	-5,21%	75,44%		8.463.222	4.572.720
	Exportação	1.812	-	-		0	0
GLP	Produção	3.731.842	-10,82%	1,32%		4.184.794	3.683.055
	Consumo	6.902.796	-0,28%	-0,10%		6.921.945	6.909.983
	Importação	709.217	-44,66%	-49,44%		1.281.576	1.402.835
QAV	Produção	3.359.947	-4,30%	5,46%		3.510.758	3.186.066
	Consumo	3.534.891	-1,81%	6,37%		3.600.145	3.323.267
	Importação	0	-	-		640.639	0
	Exportação	0	-	-		0	4.310
Óleo Combustível	Produção	5.863.497	-9,99%	4,04%		6.514.210	5.635.725
	Consumo	2.149.000	-20,73%	43,17%		2.710.934	1.501.050
	Importação	149	-	-99,61%		0	38.372
	Exportação	655.320	-42,55%	-34,73%		1.140.655	1.004.067

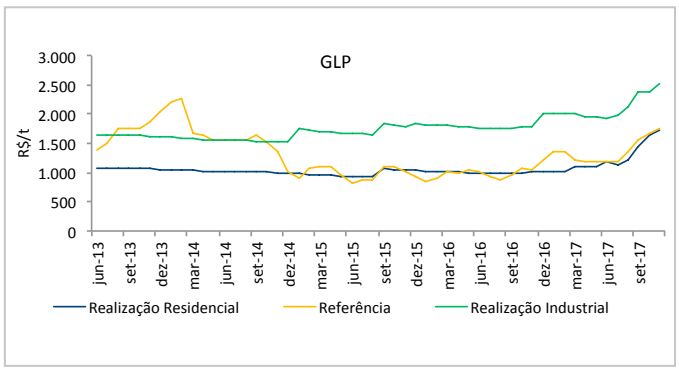
* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

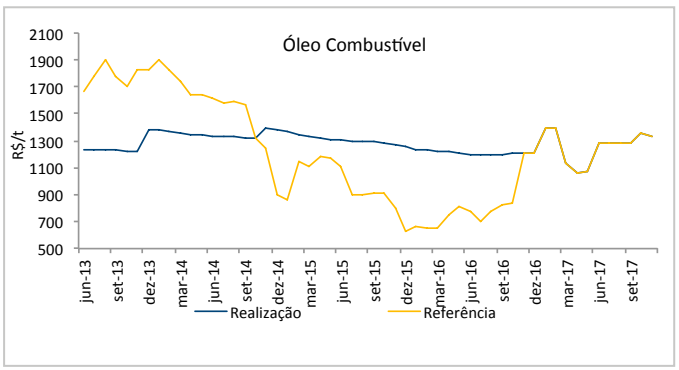
Em novembro de 2017, após 5 meses, os preços de realização interna da gasolina voltaram a ficar ligeiramente superiores aos de referência internacional. No caso do diesel, seus preços domésticos seguem superiores aos internacionais, diferentemente do GLP, cujos preços internacionais estão maiores. Ainda para a este último, a diferença aumentou no mês de novembro. Com relação ao óleo combustível, os preços internacionais e domésticos estão andando juntos desde novembro do ano passado (Figura 2.6).

Figura 2.6: Preço Real dos combustíveis X referência internacional (R$/l)









Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME e EIA. Deflator: IPCA.

(1) Devido à indisponibilidade de dados, os preços de referência são a cotação do final do mês e não incluem custo de internação